

Jacques Lacan

Seminário 25 - o momento de concluir

7 - aula de 21 de fevereiro de 1978 - modos de inversão dos nós de toros

Comentário de Jairo Gerbase em 26/05/00

A inversão de um nó de toro deve ser distinguida da imagem invertida em um espelho. Se alguém se coloca diante de um espelho vê sua imagem invertida. Essa é a única idéia de inversão que conhecemos.

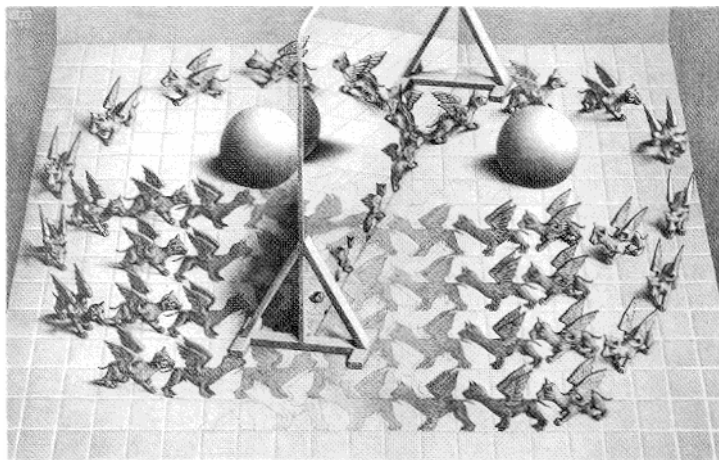
O que Lacan e Soury quer nos ensinar nessa lição é um outro modo de inversão, o modo de inversão de um nó de toros, cuja amostragem é a reprodução da figura 4 na figura 5, com a qual, é verdade, ainda não estamos familiarizados.¹

Mas, peço que aceitem por enquanto isso: não há apenas a inversão especular, há também um outro modo de inversão, que se poderia denominar de topológico ou mesmo de escópico.

Essa é a razão do estudo da topologia, aproximarmo-nos de outro modo de imaginarização dos objetos, distinto do modo imaginário especular.

Quando se está na dimensão tórica da inversão, uma figura colocada em um espelho não é idêntica à figura primitiva. Isso é muito importante para se entender o conceito de identificação. Quando o *mesmo* toma emprestado um traço do *outro* eles não se tornam idênticos. Este é o problema do conceito de identidade, da identificação como o que se cristaliza em uma identidade.

Pode-se encontrar diversas tentativas de amostragem disso em Escher. Na litografia *Espelho mágico* [1946], não se vê apenas uma imagem refletida, mas também se sugere que as reflexões se continuam num outro mundo. Um exemplo disso é o de *Alice no país das maravilhas*.



No lado do espelho mais próximo do observador, podemos ver sob o suporte inclinado, uma pequeníssima asa juntamente com a sua reflexão. Se continuarmos a olhar ao longo do espelho, vemos então emergir pouco a pouco um cão alado completo. Mas isso não é tudo - também a imagem refletida foi crescendo de forma semelhante; e assim como o cão real se afasta do espelho, também a sua imagem invertida faz o mesmo do outro lado. Chegada à margem do espelho, parece a imagem refletida tornar-se em realidade. Ambas as filas de animais se duplicam duas vezes num movimento para a frente e, juntas depois, resultam num preenchimento regular de superfície, em que cães brancos se transformam em pretos e vice-versa, realidade e imagem refletida nascem do espelho. A imagem refletida torna-se realidade por detrás do espelho. Como isso é estranho, é indicado pelas duas esferas verdadeiras diante e por trás do espelho, das quais a primeira ainda se vê nele em parte refletida. Ambas as realidades se multiplicam e transformam na superfície plana do chão.²

Recentemente Acheronta³ me argüiu acerca da diferença entre a identificação de Dora e das colegas. A dificuldade consiste nisso: todo mundo entende que a tosse é um traço e por isso aceita o caso de Dora como o da identificação ao traço; também porque Freud diz que nesse caso a identificação é parcial e toma emprestado apenas um *traço isolado* [*Einzigiger Zug*] do objeto de

identificação. Mas, isso não leva em conta o critério de Lacan, de que na identificação ao traço unário o objeto de identificação é indiferente, não é um objeto de amor, e, creio, não se pode dizer isso de Dora em relação ao seu pai. Por sua vez é Freud quem diz que "existe um terceiro caso de identificação que deixa fora de consideração qualquer relação de objeto com a pessoa que esta sendo copiada". E continua com o exemplo das colegiais. Quando fala do mecanismo, Freud diz que trata-se do desejo de colocar-se na mesma situação - o que supõe participação histérica, mas ao continuar explorando este tipo diz que não se trata de simpatia, que se trata de analogia significativa [o termo significativo aparece aí, mas creio que no sentido de significativa], nesse caso a receptividade a uma emoção semelhante, que é a base da identificação por meio do sintoma e que é um sinal [*Zeichen*] de um ponto de coincidência que deve ser recalcado.

Freud faz, em seguida, um resumo a partir do qual, na minha opinião, as coisas se esclarecem:

- a identificação é a forma original de laço emocional - primeira identificação - identificação amorosa do menino ao pai;
- regressivamente (caso de Dora) a identificação se torna sucedâneo de uma vinculação de objeto libidinal - segunda identificação - identificação histérica;
- identificação baseada em uma qualidade comum [caso das colegiais] partilhada com alguma outra pessoa que não e objeto do instinto sexual - terceira identificação - ao traço unário.

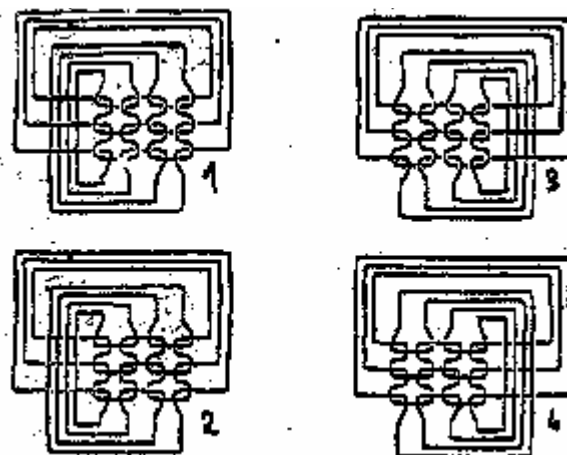
Quanto mais importante essa qualidade comum mais bem sucedida essa identificação parcial, podendo ser o início de um novo laço. O laço mutuo existente entre os membros de um grupo é de uma identificação desse tipo, baseado numa qualidade emocional comum e é essa a natureza do laço com o líder [exemplo de identificação ao traço].

Resolvi a questão no meu texto dizendo que há traço no caso de Dora, que há traço no caso das colegiais, que há traço na identificação ao pai [e por isso Lacan estranha que Freud a tenha chamado de identificação amorosa], que o que importa a Lacan é reduzir as três identificações a uma só identificação, a identificação ao traço, a identificação ao significante.⁴

Soury, contudo, o contraria afirmando que há diferentes modos de inversão: há inversão imagem/espelho; há inversão virar o papel como se fosse vime; há inversão trocar o debaixo pelo de cima; há inversão virar o direito pelo avesso; há inversão direita/esquerda; há inversão meridiano/longitude; há inversão do tipo fazer fileiras, enfim, há muitos modos de inversão dos nós de toros. Na apresentação plana há a dificuldade de se notar todas as inversões devido ao problema inerente a todas as imagens: a reprodução de três dimensões sobre uma superfície bidimensional.

A principal inversão é a de dois objetos. Outra é a inversão meridiano/longitude. A terceira é o reviramento - o verdadeiro sinônimo de identificação. Sempre que há inversão se constitui um binário. Qualquer deformação do espaço implica em inversão. Esse é, segundo Bruno Ernst, o problema principal do desenho de Escher: como reproduzir fielmente em apresentações planas as apresentações de objetos. Por vezes, quatro apresentações planas são apresentações de dois objetos, ou seja, há mudanças de apresentação que não mudam o objeto, que são duas apresentações do mesmo objeto.

Lacan, que nunca dá o braço a torcer, insiste em afirmar que só há uma inversão porque a imagem em espelho não coincide com o objeto primitivo, porque a figura em espelho não é idêntica ao que se vê da figura primitiva.



Essa coisa toda aparentemente complicada porque pouco familiar nos interessa sobremaneira para nosso estudo do sintoma, pois queremos conceber o que habitualmente denominamos de mudança de apresentação do sintoma. Que queremos fazer conceber quando dizemos que o que era antes uma bulimia agora se apresenta como anorexia, ou o que era antes uma depressão depois se apresenta como elação? Trata-se, sim ou não, de duas apresentações do mesmo objeto?

O estudo da topologia, do nosso ponto de vista, quer apenas nos familiarizar com estas novas concepções sobre as apresentações dos objetos e das imagens dos objetos, de modo a nos permitir analisar melhor o sintoma.

¹ Ver a tradução dessa aula.

² Ver Bruno Ernst, *O Espelho Mágico de M. C. Escher*, Benedikt Taschen Verlag GmbH, 1991.

³ Ver www.acheronta.org

⁴ Mais tarde ele vai avançar a identificação ao objeto a , que é uma espécie de desidentificação, e por fim vai propor a identificação ao furo do nó de toros.